



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

JOÃO COLO

**ASPECTOS DO CONTO MARAVILHOSO E DA CULTURA DO
TIMOR- LESTE EM A ILHA DO CROCODILO, GERALDO COSTA**

**CAMPINA GRANDE- PB
2021**

JOÃO COLO

**ASPECTO DO CONTO MARAVILHOSO E DA CULTURA DO
TIMOR- LESTE EM A ILHA DO CROCODILO, DE GERALDO
COSTA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Letras- Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves

**CAMPINA GRANDE- PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C718a Colo, João.

Aspectos do conto maravilhoso e da cultura do Timor-Leste em A ilha do crocodilo, Geraldo Costa [manuscrito] / João Colo. - 2021.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Análise literária. 2. Conto. 3. Timor-Leste. 4. Crenças. I.
Título

21. ed. CDD 801.95

JOÃO COLO

ASPECTO DO CONTO MARAVILHOSO E DA CULTURA DO TIMOR- LESTE EM A ILHA DO CROCODILO, DE GERALDO COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária.

APROVADA EM: 07/06/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves. (ORIENTADORA)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti (UEPB)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Ms. *Fernanda* Karyne de Oliveira (IFPB)
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

**CAMPINA GRANDE- PB
2021**

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	Contextualização do país Timor-Leste: aspectos geográficos, históricos, culturais e linguísticos	6
2	O CONTO DA TRADIÇÃO ORAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E FORMAIS	8
3	APRESENTAÇÃO DO LIVRO A ILHA DO CROCODILO: CONTOS E LENDAS DO TIMOR-LESTE.....	11
3.1	Análise do conto A Ilha do Crocodilo.....	12
3.2	Aspectos da cultura do Timor-Leste presentes no conto.....	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
	REFERÊNCIAS.....	20

ASPECTOS DO CONTO MARAVILHOSO E DA CULTURA DO TIMOR-LESTE EM A ILHA DO CROCODILO, DE GERALDO COSTA

João Colo¹

Resumo

Este artigo é um estudo do conto “*A ilha do crocodilo*”, presente no livro homônimo do escritor Geraldo Costa. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo interpretativista, fundamentada à luz das teorias de Propp (1984), Coelho (2000), Gotlib (2000), Reis (2004), entre outros. Para a análise do conto foi utilizado o estudo sobre as funções das personagens proposto por Vladimir Propp (1984) e as contribuições da teoria literária sobre especificidades do gênero conto. Visando aproximação pessoal com meu país (Timor-Leste) e difusão de sua cultura, a presente pesquisa objetivou identificar no conto *A ilha do crocodilo* costumes, crenças e valores do povo do Timor, bem como discutir aspectos do conto maravilhoso, identificar aspectos temáticos e literários que se aproximam entre o conto analisado e as narrativas tradicionais. A partir da análise verificou-se que as funções, sistematizadas por Propp (1984) ao estudar a morfologia do conto oral, ainda se encontram em versões recentes dos contos tradicionais e podem ser lidas em livros contemporâneos infanto-juvenis que relatam histórias que trazem aspectos temáticos e literários que acompanhavam os contos orais antigos. No que tange à cultura timorense, foi possível verificar três aspectos: a imagem do crocodilo; a população, suas festas populares, danças e instrumentos musicais; importância da contação de histórias. Portanto, constatou-se que o conto apresenta aspectos temáticos que aludem à situação social e aos valores e crenças do povo timorense.

Palavras-chave: Conto. Funções. A ilha do crocodilo. Timor-Leste.

Abstract

This article is a study of the short story “*A Ilha do Crocodilo*”, present in the homonymous book by writer Geraldo Costa. This is a qualitative interpretive research, based on the theories of Propp (1984), Coelho (2000), Gotlib (2000), Reis (2004), among others. For the analysis of the short story, the study on the functions of characters proposed by Vladimir Propp (1984) and the contributions of literary theory on specificities of the short story genre were used. Aiming at personal approximation with my country (Timor-Leste) and dissemination of its culture, this research aimed to identify in the tale *The crocodile island* customs, beliefs and values of the people of Timor, as well as to discuss aspects of the wonderful tale, identify thematic and literary works that come close between the analyzed short story and the traditional narratives. From the analysis, it was found that the functions, systematized by Propp (1984) when studying the morphology

¹Graduando em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Natural do Timor-Leste, estudante no Brasil por intercâmbio (migração temporária), por meio da Cooperação Educacional entre Brasil e Timor-Leste. E-mail: joacolo0801@gmail.com.

of the oral story, are still found in recent versions of traditional stories and can be read in contemporary children's books that report stories that bring aspects thematic and literary tales that accompanied the ancient oral tales. With regard to Timorese culture, it was possible to verify three aspects: the image of the crocodile; the population, its popular festivals, dances and musical instruments; importance of storytelling. Therefore, it was found that the tale has thematic aspects that allude to the social situation and the values and beliefs of the Timorese people.

Keywords: Tale. Functions. The crocodile island. East Timor.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um estudo do conto *A ilha do crocodilo*, presente no livro homônimo do escritor Geraldo Costa, destinado a leitores infantojuvenis. *A Ilha do Crocodilo* é uma das histórias do povo timorense, que explica de maneira alegórica a origem da ilha do Timor-Leste. Foi recontada pelo autor no livro intitulado “A Ilha do Crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste”, publicado no ano de 2012.

O autor, Escritor, Pedagogo e Analista Social que adora ouvir e contar histórias morou no Timor-Leste durante anos, decidindo conhecer e recontar, ao seu modo, algumas que lá ouviu (COSTA, 2012). O livro é composto por 10 contos, escritos por Geraldo Costa e ilustrados por Maurício Negro, sendo que aqui foi analisado o décimo e último conto presente na coletânea.

Para mim, como timorense estudante no Brasil, é de suma importância refletir sobre a cooperação educacional entre Brasil e Timor-Leste, porém sem me afastar da cultura de meu país. Estudar no Brasil representa, para mim, além de uma oportunidade de mudança de vida, um compromisso afetivo, acadêmico e profissional com meu país de origem, com meus familiares e colegas, com toda a população.

Assim, visando aproximação pessoal com meu país e difusão de sua cultura, a presente pesquisa objetivou identificar no conto *A ilha do crocodilo* costumes, crenças e valores do povo do Timor. Os objetivos específicos são: discutir aspectos do conto maravilhoso; identificar aspectos temáticos e literários que se aproximam entre o conto analisado e as narrativas tradicionais.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa interpretativista do referido conto. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p.34), “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. E “segundo o paradigma interpretativista [...] não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.32).

Inicialmente foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, fundamentada à luz das teorias de Propp (1984), Gotlib (2000), Coelho (2000), Gancho (2002), Reis (2004), entre outros. Para a análise do conto, foi utilizado o estudo sobre as funções das personagens, proposto por Vladimir Propp (1984), e as contribuições da teoria literária sobre especificidades do gênero conto.

Assim, este trabalho foi dividido em quatro tópicos, sendo o primeiro composto pela introdução, que abarcou as motivações para a pesquisa, uma breve apresentação do conto a ser analisado, bem como a contextualização geográfica, histórica e cultural do país Timor-Leste. No segundo tópico foi apresentada a história do conto, desde sua tradição oral até as narrativas contemporâneas. No terceiro tópico foi realizada a descrição e análise do conto *A Ilha do Crocodilo*. E no quarto, por fim, foram tecidas as considerações finais.

1.1 Contextualização do país Timor-Leste: aspectos geográficos, históricos, culturais e linguísticos

Para abordar sobre os aspectos da cultura do Timor-Leste no conto *A Ilha do Crocodilo*, faz-se importante contextualizar, inicialmente, alguns aspectos geográficos, históricos, culturais e linguísticos deste país.

Situado geograficamente no sudeste asiático – área denominada Ásia-Pacífico, a República Democrática de Timor-Leste é um pequeno país em extensão territorial, e representa a parte oriental da ilha de Timor, fazendo fronteira com a Província Indonésia de Nusa Tenggara Timur, banhado pelo Mar de Banda (Oceano Pacífico) ao norte e pelo Mar de Timor (Oceano Índico) ao sul. Geograficamente encontra-se localizado no Arquipélago Malaio, ao sul da Indonésia e ao norte da Austrália (TIMOR-LESTE, 2002; GUSMÃO, 2010; URBAN, 2017).

Possuindo uma área aproximada de 15.000 km², administrativamente, encontra-se organizado em “13 distritos, 67 postos ou subdistritos, 498 sucos e 2.336 povoações ou aldeias” (GUSMÃO, 2010, p. 19), sendo Díli a capital. Nos aspectos etnográficos e culturais, apesar de sua localização no sudeste asiático, é um país que se relaciona mais com as ilhas vizinhas da Melanésia, sendo considerada uma nação transcontinental, uma vez que estas relações a posicionaria na Oceania (MAIA; CARNEIRO, 2018).

O Timor-Leste esteve sob o domínio português por 460 anos, entre 1515 e 1975, possuindo baixos índices de alfabetização. Menos de um mês após conseguir sua independência de Portugal, através da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), em 1975, foi invadido pela Indonésia no contexto da Guerra Fria, que ficou ali instalada por 24 anos, até 1999. Os indonésios foram expulsos pelos timorenses por meio de guerra de guerrilha, que se tornou um palco de massacre, motivando a Organização das Nações Unidas (ONU) a intervir (GUSMÃO, 2010; URBAN, 2017). Desta forma, o Timor-Leste ficou sob administração provisória da ONU até o ano de 2002, quando, finalmente, conquistou sua independência (URBAN, 2017).

É importante ressaltar que Portugal, visando manter o controle de Timor-Leste, manteve sua população submissa por meio do analfabetismo da maior parte da população, sendo que no ano de 1970 havia uma taxa de mais de 90% de analfabetismo no país (URBAN, 2017). Quando ocupado pela Indonésia, a língua portuguesa, falada fluentemente por cerca de 20% da população timorense, foi proibida, e o acesso à educação expandido, introduzindo a língua indonésia no país (GUSMÃO, 2010; DINIZ; SILVA, 2013).

Tudo isto levou a grandes mudanças estruturais e culturais, inclusive na linguagem oral dos timorenses, afetando profundamente a vida da população, que sofre para reconstruir seu país após a independência. Em âmbito linguístico, atualmente o Timor-Leste tem duas línguas oficiais, o Tétum e o Português, contudo possui o Inglês e o Indonésio como línguas de trabalho e mais de 35 dialetos nacionais (DINIZ; SILVA, 2013; CARIOCA, 2016).

A Língua Portuguesa, apesar de não falada por grande parte da população, que utiliza suas línguas nativas, tornou-se uma forma de resistência dos timorenses, principalmente durante a invasão da Indonésia (CARIOCA, 2016). Portanto, este fato justifica o esforço despendido pelo governo timorense para reintroduzir o Português, tanto oral como gramaticamente, na sociedade, uma vez que tanto a Língua Portuguesa como a Língua Tétum são “parte integrante da cultura e da identidade timorense” (DINIZ; SILVA, 2013, p. 5).

Em 2002, o país foi incluído na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e, neste mesmo ano, iniciou-se a Cooperação Educacional entre Brasil e Timor-Leste. Nesta cooperação não há imposição de interesses comerciais, sendo estabelecida uma relação bilateral que prevê ações conjuntas entre os países parceiros, na busca da redução das desigualdades sociais

(GUSMÃO, 2010; SCARTEZINI; CARVALHO, 2016). Esta cooperação, conforme o Memorando de Entendimento, firmado entre ambos os países, possui como objetivo principal, o “fortalecimento da cooperação educacional e interuniversitária, a formação e o aperfeiçoamento de docentes e pesquisadores, e o intercâmbio de informações e experiências no âmbito educacional” (BRASIL, 2002 *apud* SCARTEZINI; CARVALHO, 2016, p. 463).

Estando o Timor-Leste em busca de (re)construção nacional, há grandes investimentos voltados à educação. No intuito de aprimorar a formação profissional da população foram estabelecidas inúmeras parcerias internacionais, sendo o Brasil, conforme já apresentado, um dos países que fazem parte desta cooperação. Assim, muitos estudantes possuem oportunidade de migração temporária, estudando e se especializando em outros países (CÔRTEZ, 2015).

2 O CONTO DA TRADIÇÃO ORAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E FORMAIS

A origem do gênero conto está na narrativa oral passada de geração a geração: “atuando como veículo de transmissão de ensinamentos morais, valores éticos ou concepções de mundo, sendo fortalecido na memória de consecutivas gerações, a cada noite, a cada serão, espécie de legado passando de pais a filhos” (REIS, 2004, p. 12).

De acordo com Luzia de Maria Rodrigues Reis, as narrativas populares primitivas apresentavam várias funções:

É difícil precisar a quantas funções deveria servir o conto na estrutura das sociedades primitivas. Através do contar se articula uma fundamentação religiosa, quando os mistérios divinos, transcendentais, os “feitos dos deuses” se misturam à simples episódios imaginativos. As noções do Bem e do Mal, o estímulo à formação de um senso de justiça natural e humano transparecem na maioria dos chamados contos maravilhosos ou contos de fadas, com que a infância de vários séculos foi alimentada. E, ao lado destas funções de ordem educativa, sobressai a sua atuação como válvula de escape, resposta do homem à sua necessidade básica de sonho e fantasia, evasão e retorno ao espaço idealizado de um paraíso perdido — mundo melhor que este moldado nas leis do “ganharás o teu pão com o suor do teu rosto” (REIS, 2004, p. 12).

O excerto lembra que a narração oral era uma necessidade vital para as sociedades antigas. Por meio dos contos, os mais velhos explicavam questões relativas à vida material e aos sentimentos; construíam a identidade a partir das narrativas contadas; e alimentavam a alma com sonhos despertados pelas histórias. Conforme apontado pela autora há, portanto, duas faces do conto que podem ser compreendidas atualmente:

O conto como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitido de gerações a gerações e o conto adquirindo uma formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de um certo escritor (REIS, 2004, p. 9).

A partir do século XVII na Europa o conto popular chamou a atenção de estudiosos, que pretendiam conhecer e catalogar as manifestações folclóricas e

espontâneas do povo. Assim surgiram as pesquisas e coletâneas adaptadas do francês Charles Perrault (1603-1703), dos irmãos Grimm na Alemanha (Jacob 1785-1863 e Wilhelm (1786-1859) e do dinamarquês Hans Christian Andersen (1837-1874), que não só adaptou as histórias originais, como inventou suas próprias histórias a partir da situação de pobreza e exclusão vivenciada na realidade (GOTLIB, 2000). No século XX, o escritor russo Vladimir Propp lançou o trabalho *A Morfologia do Conto*, ensaio publicado em 1928. A obra de Propp foi revolucionária no estudo dos contos maravilhosos, sendo ainda hoje retomada.

Propp identificou traços comuns nas histórias, os quais ele chamou de “funções”. De acordo com o estudioso russo (1984), as personagens dos contos, variando em idade, sexo, características gerais, etc., realizam, em histórias distintas, ações idênticas ou equivalentes. Para Propp, os contos maravilhosos são povoados por personagens que desempenham sete papéis: o herói, o falso herói, o antagonista, o doador, o auxiliar, a princesa e o seu pai, o mandatário. Estas personagens vão desempenhar trinta e uma funções. Estas funções são os elementos constantes, sempre presentes na estrutura do conto maravilhoso. O mais significativo, conforme afirma Propp, é que a seqüência em que se encadeiam as funções permanece sempre a mesma, revelando que a estrutura narrativa orienta o sentido das histórias. O enredo segue o esquema: parte introdutória (1), o nó da intriga (2), a intervenção dos doadores (3), e o retorno do herói (4). De acordo com Propp (1984, p.31-60), as funções são as que seguem:

01 afastamento	16 combate
02 proibição	17 marca do herói (o herói é ferido em combate)
03 transgressão	18 vitória
04 interrogação	19 reparação da falta
05 informação	20 regresso do herói
06 engano	21 perseguição
07 cumplicidade	22 socorro
08 malfeitoria (ou falta)	23 chegada incógnita
09 mediação	24 falsas pretensões
10 reação ou aceitação	25 tarefa difícil
11 partida	26 tarefa cumprida
12 função do doador	27 reconhecimento
13 reação do herói	28 descoberta do engano
14 recepção do objecto mágico	29 transfiguração
15 deslocamento no espaço	30 punição
	31 casamento

É importante ressaltar que as funções não têm de estar todas presentes ao mesmo tempo num conto. Mas, poderão ser identificadas em qualquer conto maravilhoso. Para o estudioso russo, o “conto maravilhoso” é definido:

Do ponto de vista morfológico podemos chamar de conto de magia a todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano (A) ou uma carência (a) e passando por funções intermediárias, termina com o casamento (W) ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa (F), obtenção do objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano (K), o salvamento da perseguição (Rs) etc. A este desenvolvimento damos o nome de Seqüência. A cada novo dano ou prejuízo, a cada nova carência, origina-se uma nova seqüência. Um conto pode compreender várias seqüências e quando

se analisa um texto deve-se determinar, em primeiro lugar, de quantas sequências esse texto se compõe. Uma sequência pode vir imediatamente após a outra, mas também podem aparecer entrelaçadas, como se se detivessem para permitir que outra sequência se intercale. Isolar uma sequência nem sempre é fácil, mas sempre é possível fazê-lo e com absoluta precisão. Contudo, mesmo tendo definido convencionalmente o conto como uma sequência, isto não significa, ainda, que o número de sequências corresponda rigorosamente ao número de contos. Alguns procedimentos particulares, paralelismos, repetições etc., fazem com que um conto possa ser composto de várias sequências (PROPP, 1984, p. 55).

A partir das palavras de Propp, é possível perceber que o conto maravilhoso, nomeado por ele de “conto de magia”, apresenta uma estrutura narrativa constante, na qual as personagens partem de um dano ou carência, passa por uma série de sequências conflituosas, que se seguem ou se entrelaçam, até a personagem alcançar a resolução ou desenlace.

A estudiosa Nelly Novaes Coelho, no livro *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática* (2000), realizou uma distinção entre os contos maravilhosos e os contos de fadas. Segundo a autora, eles apresentam diferenças essenciais no que se refere à função da problemática que lhes serve de fundamento.

Nos contos maravilhosos, que têm raízes em narrativas orientais, difundidas pelos árabes, a exemplo da coletânea *As Mil e Uma Noites*, as personagens possuem poderes sobrenaturais; deslocam-se contrariando as leis da gravidade; sofrem metamorfoses contínuas; deparam-se com forças do bem e do mal personificadas; sofrem profecias que se cumprem; são beneficiadas com milagres; assistem a fenômenos que desafiam as leis da lógica, etc. As aventuras sempre estão motivadas por questões de natureza material/social/sensorial. Nesse sentido, há uma busca constante pelas riquezas, pela satisfação do corpo e a conquista de poder, etc. (COELHO, 2000).

Os contos de fadas, por sua vez, são motivados por aspectos de natureza espiritual/ética/existencial. A origem deles é Celta e em meio a um enredo maniqueísta, marcado pelas forças do bem e do mal, as personagens buscam a realização interior e social. São exemplos dessas histórias os contos: Cinderela, Rapunzel, A Bela e a Fera, A Bela Adormecida, etc. Além disso, os contos de fadas apresentam, muitas vezes, a personagem “fada”, cujo nome vem do termo latino “*fatum*”, que significa destino (COELHO, 2000).

Em suma, no que tange à sua caracterização, é possível afirmar que o conto é um texto em prosa, descrito em uma narrativa curta capaz de construir um sentido, tendo como característica central a condensação do conflito, tempo e espaço (GANCHO, 2002; REIS, 2004).

Não obstante, por trás de todas estas características específicas, no conto literário “estão presentes tendências que cobrem todo o vasto campo das artes, estão presentes tendências geradas pelas mais profundas relações configuradoras de uma época, de um tempo, de uma civilização” (REIS, 2004, p. 84).

É neste sentido que é possível perceber que cada conto possui suas singularidades, marcadas tanto pelas características do gênero literário e pelas peculiaridades, individualidades de cada autor, como pela época, cultura, tempo, civilização em que seu enredo encontra-se inserido. Ademais, as diversas narrativas literárias e as demais formas de arte, como filmes, pinturas, etc., “dialogam entre si, [...] estão falando linguagens comuns” (REIS, 2004, p. 86).

3 APRESENTAÇÃO DO LIVRO A ILHA DO CROCODILO: CONTOS E LENDAS DO TIMOR-LESTE

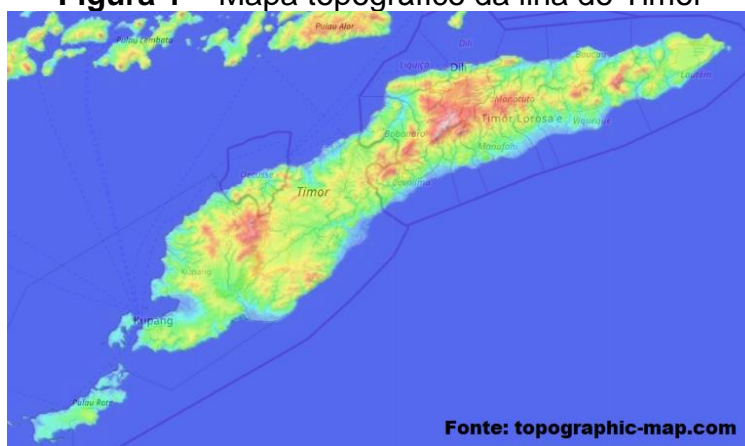
A Ilha do Crocodilo é uma das histórias do povo timorense, que explica de maneira alegórica a origem da ilha do Timor-Leste. Foi recontada por Geraldo Costa, em seu livro intitulado *A Ilha do Crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste*, publicado no ano de 2012, pela Editora FTD Educação. Possui 72 páginas, divididas 14 capítulos, sendo 04 compostos por elementos pré-textuais (convite à leitura) e pós-textuais (nota sobre o autor; nota sobre o ilustrador; elementos paratextuais), e 10 por contos do Timor-Leste.

Os 10 contos escritos por Geraldo Costa e publicados nesta coletânea são: *A espada de ouro*; *O tesouro de Kaibosi*; *Maukai e Lekibet*; *Lakuwatu e o rei dos morcegos*; *O macaco e o crocodilo*; *Lakulekoi e os animais*; *Os gêmeos marcados*; *A mulher pombo*; *A esperteza do garnisé*; *A ilha do crocodilo*. Todos estes foram minuciosamente ilustrados por Maurício Negro, de modo a elucidar as representações de cada cenário e/ou personagem para os leitores.

Inicialmente, no convite à leitura, Geraldo Costa traz uma pequena apresentação do país Timor-Leste, de sua população, bem como um pequeno relato acerca de sua estadia no país e das motivações para escrever este livro. Já neste elemento pré-textual é retratado o crocodilo, considerado o criador da ilha onde o Timor-Leste se encontra localizado: “É no Timor-Leste que mora o crocodilo que, ao contrário de muitos que vivem no leito dos rios, mora no mar. Os habitantes da ilha chamam-no de *AbôLafaek*, que quer dizer Vovô Crocodilo” (COSTA, 2012, p. 9).

Ademais, o conto *A ilha do Crocodilo* é o último do livro e narra uma das mais importantes e conhecidas lendas populares do povo timorense: a origem da ilha do Timor. Antes de apresentar e analisar o conto, é importante destacar que a ilha possui o formato de um crocodilo nadando, conforme pode ser visualizado na imagem a seguir:

Figura 1 – Mapa topográfico da ilha do Timor



Fonte: topographic-map.com

De modo a facilitar didaticamente a visualização do crocodilo no formato da ilha, bem como a lenda de seu surgimento, o ilustrador Português Luis Peres, fez a seguinte ilustração em aquarela:

Figura 2 – Ilustração da ilha do Timor



Fonte: PERES (2009)

Além disto, o local em que a ilha do Timor se encontra localizada, no sudeste asiático e norte da Austrália, é naturalmente habitado por crocodilos, mais especificamente pela espécie *Crocodylus porosus*, também conhecida por crocodilo de água salgada. São encontrados no norte da Austrália, nas ilhas da Indonésia e Nova Guiné, no leste da Índia, ao redor das Filipinas, no sudeste da Ásia ao Vietnã central. São encontrados, principalmente, próximos à margem dos rios e em regiões costeiras, porém também são encontrados em água abertas, longe da terra, uma vez que são nadadores fortes (MARINEBIO, s.d.).

O conto aqui analisado explica, portanto, o fato de a ilha possuir o formato de crocodilo, utilizando como argumentação a fixação de um velho crocodilo que explorava o oceano com um menino. O conto será descrito e analisado no tópico a seguir.

3.1 Análise do Conto A Ilha do Crocodilo

A partir da leitura dos contos do livro *A Ilha do Crocodilo: contos e lendas do Timor Leste* foi possível identificar vários aspectos sociais e econômicos da vida no Timor. As histórias retratam a agricultura e a criação de animais, atividades econômicas predominantes no Timor, desde a antiguidade. A plantação de arroz aparece em dois contos: “*O tesouro de Kaibos*” e “*A mulher do pombo*”; no conto “*Lakuwatu e o rei dos morcegos*” é retratada a produção do vinho; e há ainda um menino que quer ser caçador no texto “*Lakulekoi e os animais*”.

A contação de história atividade cultural muito presente no Timor é mencionada também em alguns contos, a exemplo de “*Lakuwatu e o rei dos morcegos*”, que inicia fazendo uma referência à contação: “Contam que há muitos e muitos anos, um homem chamado *Lakuwatu* [...]” (COSTA, 2012, p. 31).

A referência à diversidade étnica em uma clara alusão à formação do povo timorense está presente também nos contos. A população apresenta uma elevada diversidade étnico-cultural, tendo em vista que são mais de 30 línguas e vários dialetos, decorrentes do domínio de diferentes países colonizadores durante séculos. Os problemas sociais como a pobreza e a fome, são

tematizados também nos contos, trazendo para o universo da ficção a realidade difícil enfrentada pelos timorenses.

Além disso, alguns contos apresentam como personagens principais animais com características humanas – que dançam, cantam, sentem medo, têm momentos de valentia, sentimentos. Dentre estes, está o texto *A ilha do crocodilo*, que é objeto de análise neste trabalho. Este conto também é considerado uma lenda popular ou um conto mítico, uma vez que surgiu no seio do povo timorense, via transmissão oral (BELO, 2008).

Escrito em três páginas (67-69) e narrado em primeira pessoa, descreve a origem da ilha do Timor, também conhecida como “A Ilha do Crocodilo”. Esta história é uma das mais conhecidas e importantes para os timorenses, uma vez que os mesmos “valorizam as suas narrativas de origem, herdadas dos seus antepassados, na forma de lendas, contos, fábulas e mitos” (PAULINO, 2017, p. 157).

Inicialmente é importante destacar que esta história já foi escrita por diversos autores, em diferentes épocas e com vários títulos. Apesar de titulação diferente, a história é a mesma da lenda “*O primeiro habitante de Timor*”, recolhida no período colonial, por Ezequiel Enes Pascoal. Esta mesma lenda foi publicada em 1934 por Júlio Garcez de Lencastre, no jornal *O Mundo Português*, porém com o título: “*Lafaic: o crocodilo timorense*”. Sob o título “*Como nasceu Timor*”, outra versão da lenda foi publicada em 1955 por Joana Fradique. Em 1988, o escritor timorense Fernando Sylvan publicou em sua coleção o conto intitulado “*O Crocodilo que se fez Timor*” (PAULINO, 2017). E a versão mais atual é o conto que será aqui contado e analisado: “*A Ilha do Crocodilo*”, publicado por Geraldo Costa no ano de 2012. Conforme destacado por Paulino (2017, p. 168), “O fato de surgir sob diferentes títulos uma lenda que narra a origem de Timor não é propriamente um problema, mas uma forma de enriquecer a sua validade”.

O conto escrito por Geraldo Costa se inicia com as palavras mágicas: “**Era uma vez**, há milhares de anos, quase no começo deste mundo, um grande crocodilo que vivia num pântano muito isolado” (COSTA, 2012, p. 67 – grifo nosso).

Esta passagem inicial da narrativa revela elementos característicos do conto maravilhoso. O primeiro é a indeterminação do tempo “Era uma vez” e de lugar “num pântano isolado”. A expressão “Era uma vez” é recorrente nos contos de fadas e maravilhosos. Ela indica que o acontecimento narrado ocorreu em um tempo impreciso, indeterminado. Outra característica do maravilhoso é a presença do elemento mágico, no caso animal falante (crocodilo) e que sofre uma metamorfose (transforma-se em uma ilha). Acerca desta forma de narrativa, Corso e Corso (2006, p. 26) esclarecem que:

O elemento fantástico presente enquanto maravilhoso nessas narrativas cumpre a função de garantir que se trata de outra dimensão, de outro mundo, com possibilidades e lógicas diferentes. Assim fazendo, os argumentos da razão e da coerência já são barrados na porta, e a festa pode começar sem suas incômodas presenças, bastando pronunciar as palavras mágicas Era uma vez... como uma senha de entrada (CORSO; CORSO, 2006, p. 26).

Segundo Propp (1984), o conto maravilhoso apresenta um enredo constituído de quatro sequências, em que ocorrem as funções realizadas pelas personagens: (1) Uma situação inicial de equilíbrio;(2) O nó da intriga, processo

dinâmico com desequilíbrio e restauração do equilíbrio;(3) A intervenção dos doadores; (4) O retorno do herói- um estado final em que o equilíbrio é recuperado. No conto em análise identificamos cada uma dessas partes, as quais foram apresentadas separadamente:

(1) Uma situação inicial de equilíbrio: após as palavras mágicas “era uma vez”, no conto foram apresentadas as personagens (o avô crocodilo e o menino, seu neto), o lugar da ação (um pântano, uma floresta, um riacho) e as circunstâncias físicas e sócio-culturais da ação (o avô crocodilo era grande, velho vivia cansado; não havia mais alimento no pântano em que o crocodilo vivia; o menino o ajudou a encontrar alimento). Tudo isto pode ser percebido nos destaques dos excertos do conto:

[...] um **grande crocodilo** que vivia num **pântano** muito isolado [...]. Ele **era grande e velho, muito velho e muito cansado**. Os outros animais e até as pessoas o chamavam de **Avô crocodilo**[...]. Onde ele morava já **quase não havia mais comida** [...]. Foi andando bem devagarinho, arrastando seu enorme corpo e entrando pela **floresta**. De repente **um menino** o avistou [...]. – [...] **avô, vou levá-lo até um riacho de água bem limpa e fresca** [...]. (COSTA, 2012, p. 67 – grifo nosso).

Esta situação inicial de equilíbrio começa a ser afetada quando o crocodilo e o menino se afastam do pântano, lugar familiar e seguro, indo em direção à floresta, ambiente estranho, iniciando o nó da intriga.

(2) O nó da intriga, processo dinâmico com desequilíbrio e restauração do equilíbrio: como na maioria dos contos maravilhosos, o herói sai do seu lar para cumprir sua missão. Esta ação da personagem corresponde à décima primeira função (partida) identificada por Propp (1984).

Chegando ao riacho, o crocodilo “*pôde refrescar-se, matar sua sede e comer alguns peixes*” (COSTA, 2012, p. 68). Na sequência, o conto se desenrolou por meio de diálogos entre o Avô Crocodilo e o menino, os quais podem ser visualizados no trecho a seguir:

- Você anda tão devagarinho, avô... – comentou o menino.
 - Mas você ainda não me viu na água! – Disse o crocodilo. – Dentro da água eu sou veloz e esperto, vou até bem longe!
 O menino suspirou fundo e disse:
 - Ai, quem me dera ir bem longe também! Conhecer o mundo!
 - Verdade?! – Perguntou admirado o crocodilo. – Para onde você gostaria de ir?
 - Na direção do sol nascente! – disse o menino com ar sonhador.
 - Mas isso é muito fácil. – disse o crocodilo. – Você foi bondoso comigo e por isso vou levá-lo a passear nas terras onde nasce o sol. Vamos, monte nas minhas costas!
 - Oba! – disse o menino e foi logo subindo às costas do animalão [...]
 (COSTA, 2012, p. 68).

Assim, as duas personagens passaram pelo riacho, chegaram ao mar, e viajaram dias e noite na direção do sol nascente, conforme o menino havia pedido. Contudo, conforme os dias foram se passando, a fome do crocodilo foi aumentando, levando o crocodilo a pensar na possibilidade de se alimentar do menino.

Nesta etapa identificamos a vigésima quinta função (tarefa difícil), em que o herói precisou cumprir uma prova que revelasse o seu valor: escolher entre a própria sobrevivência (o que só seria possível devorando o menino para matar a fome) e a sua consciência, que lembra a bondade do menino.

Nesta parte do conto foi possível verificar o desequilíbrio ou conflito da história, o qual é definido por Gancho (2002, p. 11) como: “qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor”. No conto analisado, o conflito é psicológico e carregado de emoções, advindo de uma complicação (a fome do crocodilo) e um conflito interior do personagem, levando ao clímax da história (comer ou não comer o menino).

A restauração do equilíbrio ocorreu quando a consciência do crocodilo não o deixou se alimentar do menino. Aqui foi identificada a vigésima sexta função (tarefa cumprida), quando o crocodilo decidiu pela vida da criança, superando a prova e cumprindo sua tarefa, ou seja, levando o menino em direção ao sol nascente:

Os dois viajaram dias e noites no mar, sempre na direção do sol nascente. Mas, depois de tanto viajar, **a fome apertou novamente** e o estômago do crocodilo começou a doer.

- **Não tenho outro remédio a não ser comer esse menino** – pensou ele.

Mas, quando ia abocanhando a perna da criança, **sua consciência doeu**: - Não posso fazer isso com quem foi tão bondoso comigo... **Melhor voltar para terra e procurar comida** (COSTA, 2012, p. 68 – grifo nosso).

Tendo em vista que o menino havia ajudado o crocodilo, o mesmo não conseguiu comê-lo, mesmo após dias e noites de viagem, decidindo retornar ao continente.

(3) A intervenção dos doadores: identificamos outras funções realizadas pelas personagens que aproximam o conto em estudo das narrativas estudadas por Propp (1984). A décima segunda função (do doador) foi identificada no surgimento de uma personagem actante, na forma de doador, que ajudou o personagem de alguma maneira: o menino que conduziu o crocodilo até o riacho onde ele matou a sede e encontrou alimento: “*De repente um menino o avistou e falou, meio que para si mesmo: - Coitado do Avô crocodilo, tão velho e tão lento, quase não enxerga [...] – Claro, avô, **vou levá-lo até um riacho** de água bem limpa e fresca*”(COSTA, 2012, p.68 – grifo nosso).

Nessa etapa da narrativa, o herói precisa passar por uma prova imposta pelo doador (o herói é submetido a uma prova preparatória à recepção de um Auxiliar), pois o menino apresenta para o crocodilo o desejo de conhecer lugares distantes e o protagonista decide levá-lo, apesar das suas limitações: “- **Você foi bondoso comigo e por isso vou levá-lo a passear nas terras onde nasce o sol. Vamos, monte nas minhas costas**” (COSTA, 2012, p. 68 – grifo nosso).

A décima terceira função (reação do herói) foi verificada na atitude do crocodilo que, diante da ajuda do menino, atendeu seu desejo, levando-o para passear nas terras onde nasce o sol. No caso, o crocodilo empreende uma longa viagem na companhia do menino, sendo identificada a décima quinta função (deslocamento no espaço).

(4) O retorno do herói - um estado final em que o equilíbrio é recuperado: a vigésima função (regresso do herói) foi identificada no retorno do crocodilo para o continente. Contudo, neste retorno o crocodilo deparou-se com mais uma tarefa difícil (função vigésima quinta): conseguir chegar ao continente. É possível perceber que como afirma Propp (1984), as funções muitas vezes se entrelaçam.

No final da história, identificamos a vigésima nona função (transfiguração), que ocorreu quando o crocodilo se transformou em uma linda ilha onde nasce o sol:

[...] ao tentar da meia-volta para retornar a terra, sentiu seu corpo tão pesado que mais parecia pedra. **E o corpo dele foi só aumentando de tamanho e de peso até virar pedra e terra. Uma terra grande e bonita com montanhas rochosas, uma ilha no rumo do oriente, onde nasce o sol** (COSTA, 2012, p.68-69 – grifo nosso).

Esta passagem traz o elemento fantástico, mágico comum nas narrativas orais. A transformação além de ser uma das funções vivida pelas personagens, nos enredos dos contos maravilhosos, simboliza aqui o alcance da autorealização, a vitória do bem e da beleza. Outro aspecto é que, para Propp (1984), os contos sempre terminam com a alusão ao casamento. Aqui também é possível observar esta característica na integração do crocodilo às pedras, à terra, ao seu lugar de origem. Assim, o conto termina com o final feliz, característico do gênero maravilhoso.

3.2 Aspectos da cultura do Timor-Leste presentes no conto

De acordo com o conto, é por conta da viagem rumo ao sol nascente que a ilha foi batizada de Timor *Lorosae*, em Tétum (e Timor-Leste em Português), “que significa o oriente onde nasce o sol” (COSTA, 2012, p. 69). Aqui se reflete a “crença tradicional timorense sobre a comunhão entre a natureza e os humanos” (BELO, 2008, p. 20): o crocodilo se transformou na ilha e a ilha deu vida ao homem. Geraldo Costa finaliza o conto da seguinte forma:

E, se você olhar bem, verá que a forma da ilha se parece com um crocodilo, visto de perfil. E nessa ilha mora um povo muito antigo e alegre, que gosta de festas animadas onde se dança o *tebedai* ao som do *babadok*, até o amanhecer. E onde os senhores e senhoras da palavra contam muitas histórias de outros tempos, encantando gente pequena e gente grande (COSTA, 2012, p. 69).

Neste último trecho é possível verificar três aspectos da cultura timorense. O primeiro aspecto diz respeito à imagem do crocodilo (*Lafaek* em Tétum – língua nativa de Timor), que, apesar de simbolizar “terror, também está ligado ao maravilhoso como algo que é nosso, da nossa terra e da nossa gente” (BELO, 2008, p. 16). No conto, o crocodilo representa a sabedoria dos ancestrais, é o “Avô crocodilo”. Os timorenses consideram o *Lafaek* como:

[...] agente de acontecimentos ligados à sua própria existência, quer como antepassado, o nome de *Bei-na ý* “Avô grande”, é o mesmo *We-na ý* ou *Be-na ý* “Senhor das águas”, e *Ray-na ý* “Senhor/Dono da terra”, quer como responsável no povoamento de Timor. Essas são dadas como diferentes expressões, mas ambas tem o mesmo significado (BELO, 2008, p. 18).

Conforme relatos averiguados por Paulino (2017), “em alguns pontos da ilha, existe uma forte ligação de parentesco com este animal, que não se pode matar nem comer, por ser considerado avô *lulik* – avô sagrado. Em algumas regiões, a população oferecia-lhe comida” (PAULINO, 2017, p. 169). Para os timorenses a natureza é sagrada e até hoje alguns habitantes do país fazem cerimônias e rituais para o avô crocodilo (BELO, 2008). É possível considerar, portanto, que a mitologia do surgimento da ilha de Timor é uma lenda, uma história, um conto revelado e valorizado “segundo convenções de cada grupo étnico existente em Timor-Leste” (PAULINO, 2017, p. 169).

Abre-se um adendo para destacar que, nos dialetos de Timor, há outros nomes para crocodilo. No trecho a seguir foram apresentados alguns nomes (em itálico) e os dialetos que os utilizam (em parênteses):

Lafaek (teto e midique), *lahaek* (mambai, idate e lacalei), *lafá* (habo), *lulay* (galóli), *law-wa-há* (uaimoa), *bey* (baiqueno e bunak), *tata-bey*(tocodé e nògónògó), *tata-bey-a* (mambai de Ermera), *yamo* (lamaquito), *lay-da* (macassai), *ubo-daot* (mambai de Ainaro), *iti-ubo-daot* (mambai de Same) (BASÍLIO DE SÁ, 1961 *apud* PAULINO, 2017, p. 172).

O segundo aspecto da cultura timorense no conto diz respeito à população, suas festas populares, danças e instrumentos musicais, conforme apresentado por Geraldo Costa no trecho: “E nessa ilha mora um povo muito antigo e alegre, que gosta de festas animadas onde se dança o *tebedai* ao som do *babadok*, até o amanhecer” (COSTA, 2012, p. 69).

As danças timorenses ocorrem juntamente com os cantos populares, acompanhados (ou não) de instrumentos musicais. O *tebedai* é uma das danças timorenses, considerada uma “dança de recepção a hóspedes ou estrangeiros (antigamente, acontecia no arrolamento)” (SEVERINO, 2009, p. 1), e o *babadok* é um instrumento musical, um pequeno tambor. Ademais, o *tebedai* é dançado “tradicionalmente durante a época das colheitas e na abertura de uma *lulik* (casa sagrada), [...] é também executado em eventos religiosos e cerimônias governamentais” (EPORTUGUÊSE, 2014, s.p.). Severino (2009, p. 1) descreve sua origem e *performance*:

Na sua origem da língua tétum, diz-se que a mulher *bidu* (cantar/dançar) e o homem *lore* (cantar/dançar), ao *tebedai* [...] a articulação deste canto/dança entre homens e mulheres. O *tebedai*, ritmado por tambores, em que “as mulheres avançam lentamente em linha, circulando, enquanto os homens diante delas executam movimentos ritmados, agitando lenços” (THOMAZ, 1998, p. 602) e, mais comumente, agitando o *surik* (espada guerreira). As mulheres tocam um tambor pequeno, *babadok*, preso por baixo dos braços, e o *dadir* (gongo, disco de metal). Os *kinkini*, guizos que se prendem aos pés dos homens, ajudam a enriquecer e ritmar a música (SEVERINO, 2009, p. 1).

De modo a ilustrar o *tebedai* ao som de *babadok*, segue imagem:

Figura 3 – *tebedai* ao som de *babadok*



Fonte: ePORTUGUÊSe (2014, s.p.)

O terceiro aspecto da cultura timorense a ser considerado no conto diz respeito à importância da contação de histórias, verificado no último trecho do conto: “E onde os senhores e senhoras da palavra contam muitas histórias de outros tempos, encantando gente pequena e gente grande” (COSTA, 2012, p. 69). Este conto sobre a origem da ilha de Timor, bem como diversas outras histórias contadas pelos timorenses fazem parte da riqueza cultural do país, sendo necessário conservar e divulgar estas histórias, que abordam “o próprio ser do povo timorense, como por exemplo, a sua maneira de ver, pensar e interpretar a vida no aspecto sociocultural” (BELO, 2008, p. 27). Acerca da importância da contação de histórias, Gomes (2008) destaca que:

[...] a sabedoria do povo está, fundamentalmente, condensada numa filosofia de vida expressa em formas de literatura popular de transmissão oral, de que se destacam os provérbios, as lendas, os mitos, as fábulas e os contos tradicionais populares. Todas elas fazem parte da riqueza folclórica deste povo (GOMES, 2008 *apud* BASSAREWAN; SILVESTRE, 2010, p. 493).

Atualmente, apesar de a civilização timorense ter passado por diversas mudanças políticas, econômicas, sociais, culturais, linguísticas, etc., “a sua crença, os seus costumes, no seu apego a um passado mantém-se inalterável” (BELO, 2008, p. 27), especialmente nas aldeias. Isto demonstra que o Timor-Leste possui, ainda hoje, uma forte tradição oral, que é deveras valorizada por sua população.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história da humanidade, cada povo teve a sua tradição oral, contos que eram eleitos como meios para os adultos partilharem as raízes de crenças, religiões, superstições e elementos fantásticos. Não foi diferente no Timor Leste, que traz na sua história de dominação por nações de diferentes partes do mundo e culturas diversas, a resistência por meio de suas histórias passadas de geração a geração.

Neste breve trabalho, constatou-se a beleza de narrativas coletadas entre o povo timorense e organizadas em uma coletânea destinada a leitores infantojuvenis brasileiros. As narrativas apresentam a realidade social difícil vivida pelo povo timorense, marcada ainda hoje pela pobreza e a fome, mas, ao

mesmo tempo, os textos encantam pela beleza de valores como o respeito aos mais velhos, a solidariedade, o amor à natureza, o senso de justiça.

A partir das discussões aqui realizadas, foi possível identificar costumes, crenças e valores do povo timorense no conto *A Ilha do Crocodilo*, escrito por Geraldo Costa e publicado no ano de 2012, no livro intitulado: *A Ilha do Crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste*.

Sendo o Timor-Leste um país recentemente independente (desde 2002), inúmeras alterações políticas, econômicas, sociais, culturais e linguísticas vêm ocorrendo atualmente. Apesar disto, o apego de boa parte da população aos costumes e crenças permanece inalterado. O conto analisado abarca a história fantástica acerca do surgimento da ilha do Timor, tendo o avô crocodilo (*Lafaek* em Tétum) e o menino (seu neto) como protagonistas.

Acerca da cultura timorense presente no conto, foi possível verificar três aspectos: a imagem do crocodilo; a população, suas festas populares, danças e instrumentos musicais; importância da contação de histórias.

No que tange ao primeiro aspecto, percebe-se a importância do crocodilo para o povo timorense, apresentada pelo forte parentesco neto-avô. Importância esta que é refletida nos costumes locais: em alguns pontos da ilha não se pode matar o animal; alguns habitantes realizam cerimônias e rituais para o avô crocodilo.

O segundo aspecto foi apresentado no conto na descrição da população timorense: um povo antigo, alegre, que gosta de festas animadas, que dança *tebedai* ao som do *babadok*. *Tebedai* é uma das danças tradicionais timorenses, que ocorre juntamente com os cantos populares, ao som de instrumentos musicais, como o *babadok*, um pequeno tambor. Esta dança representa parte da cultura timorense.

O terceiro aspecto diz respeito à importância da contação de histórias pela população timorense, que até os dias atuais, é uma forte tradição oral e popular. Tradição esta que deve ser valorizada e divulgada, de modo a conservar as histórias da cultura timorense, que são tão importantes para sua população.

A leitura interpretativa do conto *A ilha do crocodilo*, que vem sendo repassado de geração a geração para explicar a origem do Timor Leste, revelou também que se trata de um conto maravilhoso no qual as funções, sistematizadas por Vladimir Propp (1984), ao estudar a morfologia do conto oral, estão presentes, despertando-nos para o fato de que os contos tradicionais estão vivos e realimentados nas coletâneas escritas atuais. Mais importante do que identificar as características dos contos, o estudo mostrou que a leitura dessas narrativas possibilita a aproximação e o conhecimento com o mundo *simples vivido pelas personagens, impreciso* (quanto ao *local de sua ação*), mas rico ao retratar ou aludir ao *dia a dia* das pessoas, *suas lutas, desejos, experiência*.

REFERÊNCIAS

BASSAREWAN, A. B. U.; SILVESTRE, S. M. O ensino e a aprendizagem da leitura nos primeiros anos da escolaridade em Timor-Leste. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 491-504, 2010.

BELO, M. de C. **Para uma didática do conto timorense**. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos artísticos, culturais, linguísticos e literários) – Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal, 2008.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CARIOCA, C. R. As funções sociais da língua e as políticas de difusão do Português no Timor-Leste. **D.EL.T.A.**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 427-447, 2016.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil**: Teoria, Análise, Didática. 1ª ed. – São Paulo: Moderna, 2000.

CÔRTEZ, F. da C. Estudantes Leste-Timorenses no Brasil: notas sobre trajetórias sociais e reprodução de elites. **Vivência**: Revista de Antropologia, Natal, n. 46, p. 181-194, 2015.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, G. **A Ilha do Crocodilo**: contos e lendas do Timor-Leste. São Paulo: FTD, 2012.

DINIZ, I. C. S.; SILVA, L. F. C. Língua Portuguesa em Timor-Leste: contexto de ensino e crenças sobre aprendizagem. **Revista Multidisciplinar Acadêmica Vozes dos Vales**, Diamantina, n. 4, ano II, p. 1-20, 2013.

EPORTUGUÊSE. **Timor Leste** – Tebedai. Blog ePORTUGUÊSe, 2014. Disponível em: <https://eportuguese.blogspot.com/2014/08/tebedai-timor-leste.html>. Acesso em: 17 mai. 2021.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2000.

GUSMÃO, M. M. **Cooperação bilateral Brasil – Timor-Leste na profissionalização docente em serviço**: “perspectivas e desafios do século XXI”. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MAIA, H. J. S.; CARNEIRO, M. H. da S. O desafio do Timor-Leste atual: em busca de uma identidade nacional ligada à Língua Portuguesa. **Remate de Males**, Campinas, v. 38, n. 1, p. 249-267, 2018.

MARINEBIO. **Saltwater Crocodiles**, *Crocodylus porosus*. [S.D.]. Disponível em: <https://www.marinebio.org/species/saltwater-crocodiles/crocodylus-porosus/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

PAULINO, V. As lendas de Timor e a literatura oral timorense. **Anuário Antropológico** [Online], Brasília, v. 42, n. 2, p. 157-179, 2017.

PERES, L. **Timor Ilha Crocodilo** – Timor Crocodile Island. Woods of Wonder, 2009. Disponível em: <https://luisperes.wordpress.com/2009/07/24/timor-ilha-crocodilo-timor-crocodile-island/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1984.

REIS, L. de M. R. **O que é conto**. Coleção primeiros passos. 1ª reimpr. da 4. ed. de 1992. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

SCARTEZINI, R. A.; CARVALHO, M. B. de. Brasil e Timor-Leste: reflexões sobre formação de professores universitários e cooperação educacional. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 462-484, 2016.

SEVERINO, C. **Tebedai (Bidu e Lore) e Dahir, dois exemplos das danças timorenses e seus elementos**. 2009. 3 f. Paper (Pós-graduação em Cultura Portuguesa Contemporânea: tempos, factos e autores) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

TIMOR-LESTE. **Constituição da República Democrática de Timor-Leste**. Díli: Assembleia Constituinte, 22 de Março de 2002.

URBAN, S. P. Paulo Freire e a educação popular em Timor-Leste: uma história de libertação. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 1, p. 76-100, 2017.